

ISABEL STILWELL  
INÊS DE CASTRO

ESPIA, AMANTE,  
RAINHA DE PORTUGAL

 Planeta

Em memória da Beatriz Inês Pedroso Castro,  
que tocou a minha vida de forma breve mas tão intensa.



«A roda da fortuna gira incessantemente,  
e quem pode dizer a si mesmo “Hoje estarei por cima”?»  
CONFÚCIO (*circa* 551-478 a. C.)

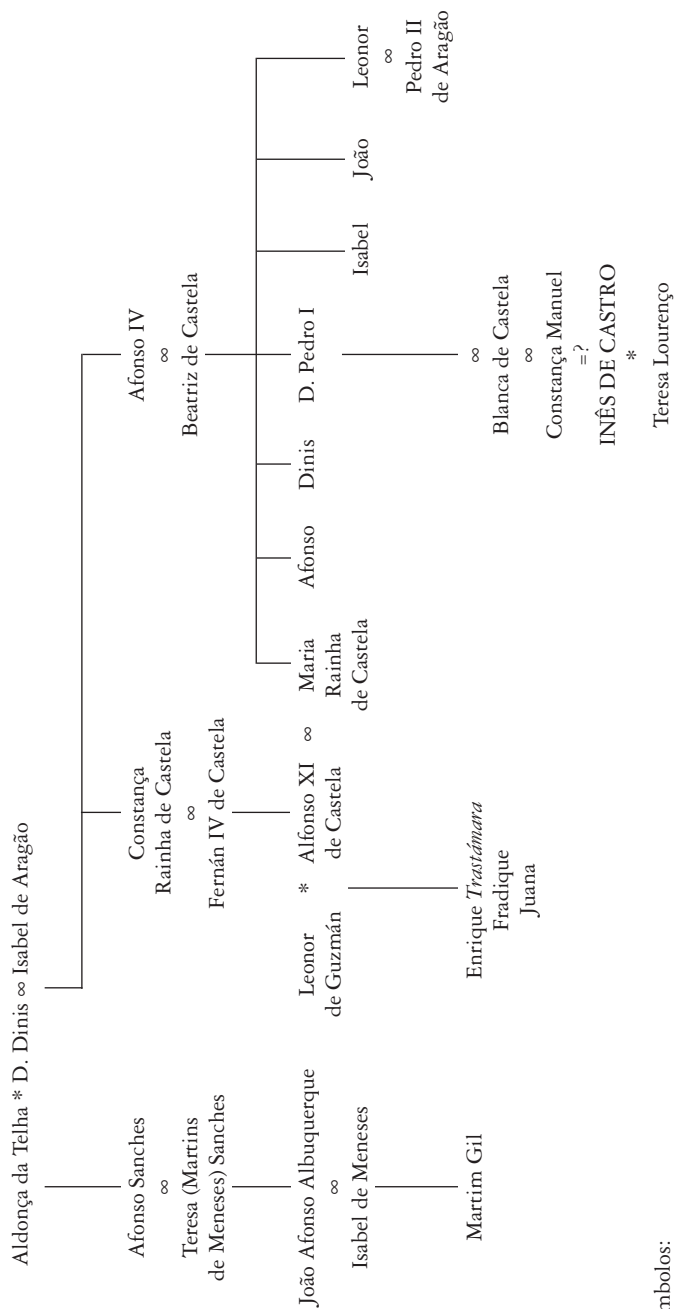


# Índice

Árvores genealógicas . . . . .	13
Até ao fim do mundo... . . . .	17
I PARTE	
(1326-1336)	
A semente do ódio . . . . .	21
II PARTE	
(1340-inverno de 1344)	
Espia e barregã . . . . .	191
III PARTE	
(maio de 1344-1349)	
Na teia de Algol . . . . .	277
IV PARTE	
(1350-1352)	
Ecos de uma torre . . . . .	347
V PARTE	
(1353-1355)	
Um labirinto de enganos . . . . .	385
Epílogo . . . . .	456
<i>Dramatis personae</i> . . . . .	460
Fontes e bibliografia . . . . .	475



## Genealogia de D. Dinis



Símbolos:

∞ – casados

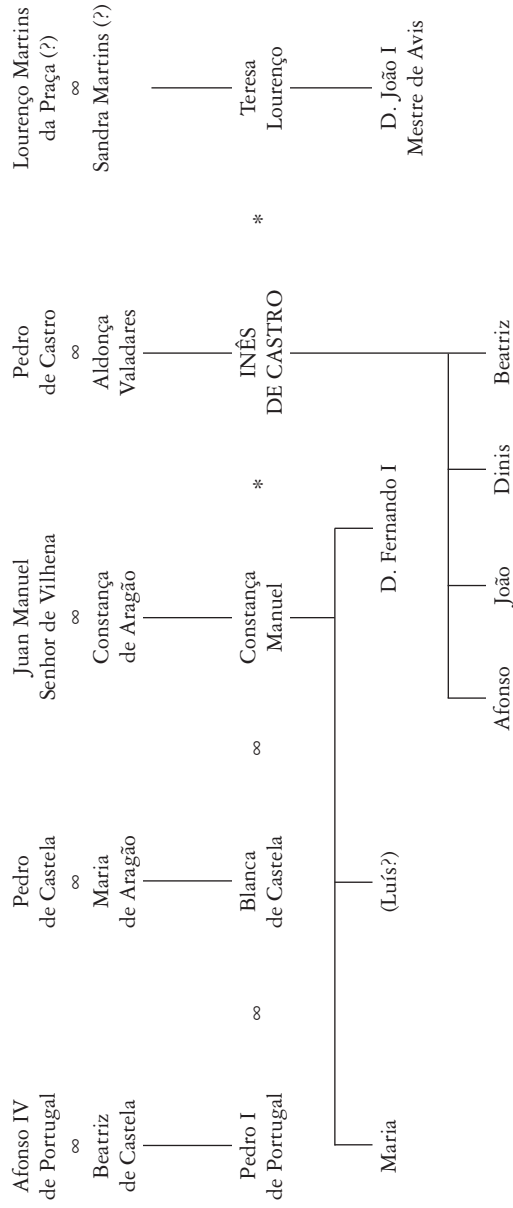
\* – amante

Blanca de Castela  
∞  
Constança Manuel  
=?  
**INÊS DE CASTRO**  
\*

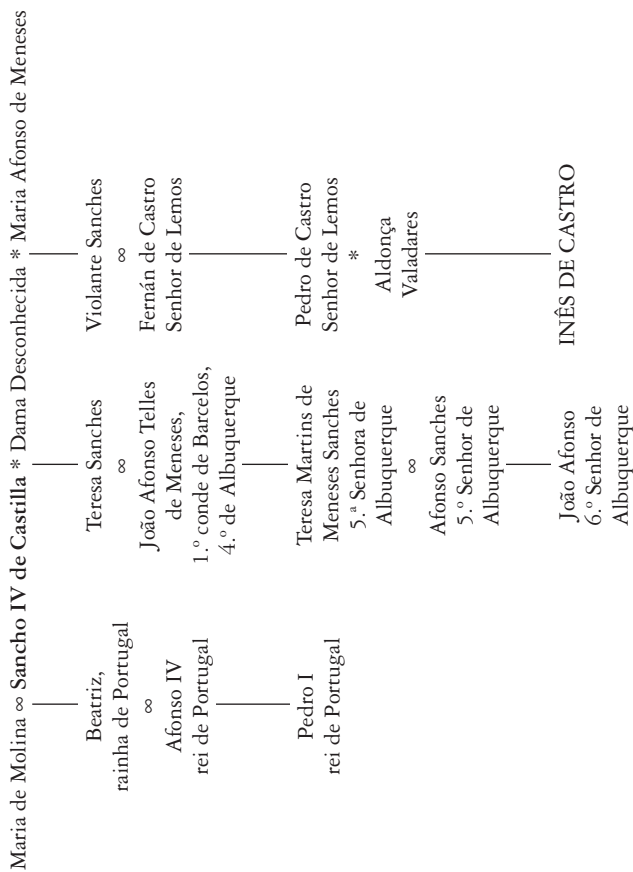
Teresa Lourenço



## Mulheres e filhos de D. Pedro I de Portugal



## Contexto familiar de Inês de Castro





## Até ao fim do mundo...

Pego na pena e a minha mão voa sozinha, tão rápida que aqui e ali um borrão de tinta mancha o pergaminho. Pouco me importa, o que me interessa é fazer o esboço do meu túmulo, do túmulo de Inês, para que o mestre entenda exatamente o que desejo que as suas mãos arranquem do bloco de pedra branca, que escolhi para relicário dos nossos corpos.

Passo a mão suavemente pelo esquiço do jacente de Inês, com uma saudade tão insuportável que me tira o ar. Perco-me nos detalhes da coroa, que quero magnífica, copiada da que herdaria da minha mãe, o rosto oval, perfeito, o pescoço longo, um colo de garça, causa de tantos ciúmes e intrigas. Desenhei-lhe as mãos longas, finas, as mãos que me remexiam o cabelo e abraçavam os nossos filhos, subindo-os para o colo, beijando-lhes o arranhão no joelho ou as lágrimas de uma birra. As mãos que tantas vezes me empurraram, zangadas, quando fui menos do que esperava de mim. Os dedos que moviam agilmente as peças no tabuleiro, num xeque-mate que tanto me enfurecia e tanto prazer lhe dava a ela, naqueles fins de tarde ao som do alaúde. Numa mão calcei-lhe uma luva, não resisti, mas a outra deixei-a nua, segurando aquele colar de pedras preciosas que lhe ofereci, sobre o vestido de botões de pérola, o seu favorito. Era tão vaidosa, tão orgulhosa da sua figura elegante que nem quatro gravidezes alteraram. Retoco os anjos que lhe suportam a cabeça, ajudando-a a erguer-se para vir ao meu encontro, de novo. O mestre tem de entender que quero que todos admirem a rainha, a rainha que reina hoje em Portugal, mesmo que a Fortuna só me tenha permitido coroá-la quando já não era deste mundo.

Não durmo há dias, não consigo dormir, tal a ânsia de ver gravada a nossa história em pedra, agora que finalmente fui capaz de revelar o segredo, que me pesou cinco longos anos. Quero expor o nosso caso perante Deus Nosso Senhor, como um advogado que defende o cliente perante o juiz supremo. Na esperança de obter clemência.

Mas verdadeiramente é o perdão de Inês que procuro. Pela minha cobardia, porque houve momentos em que não consegui dominar o diabo em mim, alturas em que os meus terrores me possuíram, e o medo do meu pai me entorpeceu a língua, enrolando-a, prendendo-a, impedindo-me de falar mais alto, com mais força, de impor a minha vontade e o nosso amor. Por ter deixado que a matassem.

Volto ao papel. Tenho de ser rápido, não posso perder tempo, já perdi tempo demais. Conto a história do meu santo protetor, mas quando retrato cada momento da vida de São Bartolomeu é de mim que falo. Com dois traços desenho o berço junto da cama da minha mãe, a cama de madeira rendilhada onde sempre dormiu, e lá está o diabo à espreita, pronto a raptar o recém-nascido, um príncipe perfeito, deixando em seu lugar o filho do diabo, uma criança raquítica e maldosa, que atormentará a infeliz que não deu pela troca. A mãe que o amará apesar das suas imperfeições, sem desistir de procurar nele o verdadeiro filho, o filho que vislumbrou quando lho puseram ao colo ainda o cordão que os unia palpitava.

Levanto o bico da pena, e inspiro fundo, procurando sossegar a respiração, e lanço-me para o segundo momento desta história que a minha avó, a Rainha Santa, tantas vezes me contou, procurando acalmar o meu desespero com esta maldita gaguez que ainda hoje me tolhe. Prometia-me que, por divina intercessão do discípulo de Jesus, seria um dia salvo destas obras que satanás faz em mim e que me tornam motivo de gozo e escárnio. Fraquezas que não são de rei. Não se enganava. Com Inês, as palavras saíam-me da boca sem entraves e, quando estava ao seu lado, evaporava-se a agitação e a impaciência, diluía-se a raiva e o impulso de me vingar de tudo e de todos, por ser uma criatura indigna da mãe e da avó que Deus me dera, frágil demais para enfrentar o meu pai — um rei todo-poderoso, que não vergava a nada nem a ninguém. Até que... assassinou aquela que me fazia viver,

matando-me com ela. Esfolando-me vivo, como a São Bartolomeu, de quem conto a história.

Nos braços de Inês, ao som da sua voz, sentia-me o menino deixado num ninho de uma águia, protegido pela mais real de todas as aves, que um dia voltara por fim a casa dos pais, reconhecido como o filho perdido, já homem inteiro e corajoso. Para orgulho da minha mãe que deixaria de olhar para mim com aflição — desejando-me outro.

Como gostava do Pedro que via refletido nos olhos verdes da minha Inês.



I PARTE  
(1326-1336)

# A SEMENTE DO ÓDIO

«Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem, mal,  
que têm as trevas por luz e a luz por trevas.»

ISAÍAS 5:20





## Castelo de Albuquerque, janeiro de 1326

Afonso Sanches procurava libertar-se da roupa da cama que o cobria, um pé descalço já pousado na pedra do chão, o braço longo e musculado estendido em direção à armadura e ao elmo. A boca, gretada pelas febres, abriu-se num protesto:

— Tenho de partir. Não posso deixar que o diabo do meu irmão tome o que é meu. Mate a minha gente.

Teresa Sanches procurou segurar o marido, puxando-o pela camisa de noite enrodilhada em redor do corpo, mas o algodão rasgou-se, e ficou apenas com um pedaço na mão, farrapo de uma bandeira da paz que há muito desistira de içar entre os dois Afonsos, entre os dois filhos do rei D. Dinis. Entre Caim e Abel, como ouvira à rainha Isabel, a que muitos chamavam Santa.

Afonso Sanches cambaleou e procurou segurar-se à armadura. O estrondo do metal a embater nas lajes do chão, os braços, as pernas e os pés de ferro espalhados, como um corpo desconjuntado, provocou um grito de pavor a Inês, que correu em direção ao tio, como se tivesse forças para o suster. Duas mãos fortes impediram que fosse esmigalhada pelo peso, João Afonso num gesto rápido colheu o pai pelos ombros e com determinação deitou-o de novo:

— Hoje não vai a lado nenhum, ou quer que amanhã o rei de Portugal se gabe de ter trespassado o senhor de Albuquerque, vencendo-o?

Teresa estremeceu, mas os olhos brilhantes de febre de Afonso Sanches nem pestanejaram.

Afonso IV, vil covarde, ao saber da sua doença lançara uma contraofensiva contra o castelo de Albuquerque e a vila de La Codosera — o ódio ao meio-irmão cegava-o. Não bastara o inferno em

que tornara a vida de D. Dinis, o pai de ambos, e de como desonrara a promessa que lhe fizera no leito de morte, jurando não o perseguir, e agora isto?

Morto o rei de Portugal, e indiferente à maldição com que D. Dinis o ameaçara caso rompesse com o prometido, convocara Cortes, e ali em frente de todos tivera a ousadia de proclamar que ele, Afonso Sanches, não era filho do rei, insultara-lhe a mãe, efabulando mais uma conspiração para lhe roubar o trono, exigindo o seu exílio definitivo. Mas não se ficara por aqui. Tomara posse dos seus bens, apropriando-se de tudo o que lhes pertencia em Portugal. Reagira à afronta. Primeiro por escrito, procurando convencer pela lei e pela verdade, mas Afonso IV era surdo à lei e à verdade. Falalaria antes com as armas, talvez assim o entendesse. Procurara reforços em Castela e Leão, e há um ano — tantos dias quantos o pai jazia no mosteiro de Odivelas — estava em guerra com o novo rei de Portugal. E agora estas febres! Não podia deixar que umas febres o vergassem, não neste momento. Procurou de novo levantar-se, mas a mão firme do filho empurrou-o contra as almofadas, sem cerimónia. Inês deu-lhe a mão, procurando sossegá-lo.

João Afonso ordenou:

— Mãe, mande chamar a Zulema, e que ela o ponha a dormir.

Inês esqueceu a aflição e ofereceu-se para ser ela a dar o recado. Fazia de tudo para entrar na câmara de Zulema, onde frascos com lagartos e outros répteis — ou partes de répteis — brilhavam fantasmagoricamente à luz de velas, e o ar era tingido de um cheiro agridoce das ervas em raminhos, que pendiam do teto. Às vezes, Zulema mostrava-lhe as raízes de mandrágoras, colhidas em noites de lua cheia — as criadas da casa diziam que a moura as apanhava com a ajuda de um gigantesco cão preto que depois desaparecia, porque se uma mão humana tentasse o feito o grito estridente da mandrágora matá-lo-ia instantaneamente, mas Inês nunca vira o cão. Mas, mais do que tudo, Inês gostava dos mapas dos sete céus e dos sete planetas, e de ouvir Zulema contar-lhe como eram habitados por anjos, que moviam os astros, provocando as mudanças das estações. Nos dias em que a moura estava bem-disposta lia-lhe alto um livro de Ramon Llull que contava como todos os seres humanos têm um anjo bom para os aconselhar e ajudar a lutar contra o demónio. Que o seu viesse em auxílio do tio Afonso, pediu baixinho.

Bateu à porta. Não se atrevia a entrar sem bater. Não ali. A porta rodou nos guinchos e Inês durante uns instantes ficou calada.

Zulema era a mulher mais bonita que alguma vez vira, os cabelos pretos e sedosos, presos num pano de escarlate e ouro, os braços cobertos de pulseiras, algumas de ouro, outras de pedras, que brilhavam à luz que entrava pela janela. O tio Afonso dizia-lhe que Zulema era sábia, Zulema neta de Zulema, *a Astrónoma*, que lera nas estrelas que o rei de Aragão conquistaria Maiorca, e o esperara com o filho na praia, mas os trovadores da corte de Albuquerque juravam-lhe que não passava de uma bruxa. Mas como podia ser bruxa se as bruxas eram feias e cresciam-lhes verrugas no nariz? Zulema, ainda para mais, não gostava de gatos.

— Que pressa é essa? — perguntou-lhe a moura, e a sobrinha dos senhores de Albuquerque recuperou a fala. Que viesse depressa, D. Afonso Sanches precisava dela.

Zulema seguiu-a, observando curiosamente os seus passos ligeiros. Há seis anos ajudara a dá-la à luz, fora a primeira a pegar-lhe ao colo, cortara o cordão em que corria o sangue dos Castro, observara o alinhamento dos astros naquela noite... E soubera tudo, logo ali.



O terreiro das armas fervilhava de vozes e do raspar impaciente dos cascos de cavalo, ordens e gritos, e os homens aqueciam as mãos nas canecas de vinho quente que lhes traziam as criadas, que saíam da cozinha como formigas num carreirinho. Inês espreitou-os lá de cima, percebendo-os desanimados e derrotados. Ao longe, o fumo que subia aos céus não deixava dúvidas: La Codosera ardia, e grandes labaredas de fogo consumiam o restolho dos campos ainda por semear que rodeavam, lá em baixo, o grande castelo de Albuquerque.

— Malditos! Não ficou ninguém vivo. Animais! É preciso esconder do meu pai o que aconteceu — gritava João Afonso, parecendo mais velho do que os 20 anos que acabara de celebrar.

«Ainda bem que o tio dormia sob o efeito das poções de Zulema», pensou Inês, porque, se estivesse acordado, a voz do seu

único filho ter-lhe-ia chegado forte e clara, como lhe chegava a ela. Mediu aos palmos a largura dos blocos de pedra que formavam o parapeito da seteira por onde espreitava e sentiu-se mais segura: o senhor de Albuquerque passara com ela muitas vezes pelo adarve do castelo, fiscalizando a construção de mais torres e ameias, rodeando a vila de muralhas, para a tornar inexpugnável. Preparando o ataque que um dia chegaria, dizia-lhe, sossegando-a: «Inês, aqui só entra quem eu quiser.» Inês sabia que era verdade, só entraria quem o seu tio quisesse, neste castelo empinado num rochedo, guardado por portas sobre portas, rampas e escadas concebidas como armadilhas — o inimigo morreria como um cão trespassado por setas ou queimado em azeite a ferver. Decididamente não tinha medo. E para o provar recusava sempre a sua mão quando saltava de um murete para outro, mesmo tendo um precipício do outro lado.

Mas a guerra profetizada chegara por fim. Afonso Sanches invadira primeiro por Bragança, o rei de Portugal retaliara, e os irmãos tinham acabado por se confrontar no pino do verão em Portalegre, não muito longe dali. Inês ouvira contar que eram tantos os mortos que nem os conseguiam enterrar. O calor insuportável espalhara a pestilência... E agora isto. O cobarde aproveitara a doença do irmão para o atacar.

Odiava o rei Afonso IV. Odiava-o desde que vira o seu tio chorar ao saber da morte de D. Dinis, de desgosto e de raiva por não lhe terem permitido estar ao seu lado na hora derradeira. Sem saber como consolá-lo, pedira-lhe que recitasse uma das suas cantigas ou que lhe contasse histórias de fadas e magos. Ou da Lua, que em dias como hoje brilhava sobre a torre de menagem — se subisse ao terraço com Zulema conseguiria tocar-lhe.

«Chora porque merecia estar com o pai na hora da morte, velar o seu corpo, rezar junto do seu caixão. Amavam-se muito e foi sempre o seu filho favorito. Se pudesse teria feito dele rei», explicou-lhe a tia Teresa. Ou mãe, como às vezes lhe chamava baixinho. Embora... houvesse a outra. Mas agora não queria pensar nela.



O que fazia Zulema lá em baixo, com um novelo de fio na mão?

Desceu as escadas em caracol a correr, tentando que os seus pequenos pés não falhassem nenhum degrau, e sentiu o vento frio na cara. «Que parvoíce não ter trazido um abrigo», pensou, abraçando os braços em redor de si mesma para se proteger, correndo sempre a descer a ladeira que as separava. Mas qualquer coisa lhe disse que devia ficar em silêncio e instintivamente encostou-se a um muro a observar.

Zulema, recitando uma incompreensível lengalenga, passava um fio em redor do tronco da oliveira mais próxima do castelo, e continuando até à seguinte fez o mesmo, e daí para uma terceira árvore, mais afastada, e dessa para um sobreiro, já longe. Inês viu-a então tirar da manga um lenço, o lenço que o tio Afonso usava muitas vezes ao pescoço, e prendê-lo a um ramo.

Inês reparou que regressava por uma porta minúscula, uma porta secreta de que desconhecia a existência, escondida entre as gigantescas rochas cobertas de musgo que sustentavam o castelo.



Puxo o banco para mais próximo da lareira e vigio a cama onde o meu marido dormita, ainda agitado. Zulema revezou-me à cabeceira, para que me aquecesse um pouco junto do fogo, há noites que não durmo, sinto o corpo entorpecido pelo sono e pelo cansaço. Amo-o desde criança, não o posso perder, não saberia como viver sem ele. Espreito o seu rosto pálido e peço pela milionésima vez que a Virgem de Carrión, padroeira de Albuquerque, salve o seu senhor.

Ao meu lado, a minha Inês borda ou finge bordar. Admiro-lhe o cabelo loiro em tranças seguras por pequeninos laços, as pestanas longas, que vistas daqui projetam sombra nas bochechas rosadas, de um rosado-pálido quando comparado com a boca de um encarnado-cereja. Que bonita é esta minha sobrinha, que a princesa Vataça Láscaris me entregou para criar. Uma criança redentora da melancolia em que vivia mergulhada depois da morte de dois dos meus filhos, primeiro um e logo depois outro, sabe Deus como me envergonhava aquela falta de ânimo, aquela falta de fé.

Mas a minha amiga Vataça não fez juízos nem sermões, nem me disse o que devia ou não devia sentir. Chegou um dia trazendo consigo a pequenina Inês, pedindo-me que fosse sua mãe. «É filha do teu primo Pedro Fernández de Castro», foi tudo o que me disse. O sorriso sedutor de Inês fez o resto.

O dia clareia, começam a distinguir-se os ramos das árvores, os contornos dos telhados e do campanário da igreja, como se estivessem a ser desenhados pela primeira vez, e oiço a voz de Zulema:

— Senhora, a febre cedeu.

Graças a Deus.



Inês levantou a cabeça do bordado e seguiu Zulema, perguntando-lhe num sussurro:

— Foi o fio? O fio levou a doença daqui?

A moura passou-lhe suavemente a mão sobre a boca, silenciando-a.

— Não ver, não revelar, não quebrar — murmurou.

E Inês repetiu baixinho:

— Não ver, não revelar, não quebrar.